

ISHMAEL BEAH

MUITO LONGE DE CASA

Memórias de um menino-soldado

Tradução

Cecilia Giannetti



Copyright © 2007 by Ishmael Beah
Publicado mediante acordo com Farrar, Straus e Giroux, LLC, Nova York.

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

As citações originais de *Júlio César* e *Macbeth* foram retiradas de *William Shakespeare — Teatro completo*, da Editora Nova Aguilar, com tradução de Barbara Heliodora.

Título original

A Long Way Gone: Memoirs of a Boy Soldier

Capa

Jeff Fisher

Preparação

Leny Cordeiro

Revisão

Renato Potenza Rodrigues

Mariana Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Beah, Ishmael

Muito longe de casa : memórias de um menino-soldado /
Ishmael Beah ; tradução Cecília Giannetti. — 1ª ed. — São Paulo :
Companhia de Bolso, 2015.

Título original: A Long Way Gone : Memoirs of a Boy Soldier.
ISBN 978-85-359-2542-5

1. Ficção inglesa — Escritores africanos I. Título.

15-00141

CDD-823

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura africana em inglês 823

2015

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

Fax: (11) 3707-3501

www.companhidasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

OUVÍAMOS TANTOS TIPOS DE HISTÓRIAS sobre a guerra que ela parecia estar acontecendo numa terra distante e desconhecida. Só quando os refugiados passaram a cruzar nossa cidade começamos a perceber que a guerra estava mesmo ocorrendo em nosso país. Famílias que haviam caminhado centenas de quilômetros relataram como seus parentes foram mortos e suas casas, queimadas. Algumas pessoas se comoveram com aquilo e ofereceram lugar para os refugiados, mas a maioria recusou, dizendo que a guerra chegaria em algum momento a nossa cidade. As crianças dessas famílias não olhavam para nós e pulavam do chão ao menor ruído, como madeira sendo cortada ou pedras aterrissando nos telhados de estanho, arremessadas por outras crianças que caçavam pássaros com estilingues. Os adultos que vinham junto com as crianças dessas zonas de guerra se perdiam em seus próprios pensamentos durante as conversas com os mais velhos da minha cidade. Além do cansaço e da má nutrição, era evidente que eles tinham visto alguma coisa que os atormentava, algo que nós nos recusaríamos a aceitar se nos contassem tudo. Às vezes eu achava que as histórias contadas por esses viajantes eram exageradas. As únicas guerras que eu conhecia eram as que eu tinha lido nos livros ou visto em filmes como *Rambo: Programado para matar*, e aquela da vizinha Libéria, sobre a qual eu tinha ouvido na rádio BBC. Minha imaginação, aos dez anos de idade, não tinha a capacidade de compreender o que poderia ter roubado a felicidade dos refugiados.

Quando a guerra me alcançou pela primeira vez, eu tinha doze anos. Era janeiro de 1993. Saí de casa com Junior, meu

irmão mais velho, e nosso amigo Talloi, ambos um ano mais velhos que eu, e seguimos para a cidade de Matru Jong, para participar do show de talentos de uns amigos nossos. Mohamed, meu melhor amigo, não pôde ir porque naquele dia ele e o pai estavam consertando sua cozinha de teto de sapê. Nós quatro tínhamos começado um grupo de rap e dança quando eu tinha oito anos. Fomos apresentados ao rap numa de nossas visitas a Mobimbi, um bairro onde moravam os estrangeiros que trabalhavam para a mesma companhia americana que meu pai. Nós sempre íamos a Mobimbi nadar em uma piscina, assistir a uma imensa televisão colorida e olhar o pessoal branco que lotava a área de recreação para visitantes. Uma noite apareceu na TV um vídeo com um bando de caras negros e jovens falando muito rápido. Nós ficamos lá sentados, embasbacados, tentando entender o que os caras estavam dizendo. No final do vídeo, apareceram umas letras num canto da tela, escrito “Sugarhill Gang, *Rapper’s Delight*”. Junior logo anotou aquilo num pedaço de papel. Depois disso, passamos a frequentar o bairro quase todo fim de semana para estudar aquele tipo de música na televisão. Nós não sabíamos o nome daquilo naquela época, mas eu fiquei impressionado com o fato de aqueles caras negros saberm falar inglês tão rápido e no ritmo da batida.

Mais tarde, quando Junior foi para o ensino secundário, ele fez amizade com alguns garotos que o ensinaram mais sobre música e dança estrangeiras. Nos feriados, ele me trazia fitas cassete e ensinava a mim e aos meus amigos como dançar o que passamos a conhecer como hip-hop. Eu amava os passos de dança, e gostava particularmente de aprender as letras, porque eram poéticas e melhoravam meu vocabulário. Uma tarde, o Pai veio para casa quando Junior, Mohamed, Talloi e eu estávamos aprendendo os versos de “I Know You Got Soul”, de Eric B. & Rakim. Ele ficou parado na porta da nossa casa de tijolo e telhado de zinco, rindo, e perguntou: “E vocês lá entendem o que estão dizendo?”. E saiu de casa antes que Junior pudesse responder. Ele sentou em uma rede debaixo da sombra de mangueiras, goiabeiras e laranjeiras e ligou o rádio no noticiário da BBC.

“Isso é que é inglês bom, o tipo que vocês deviam estar ouvindo”, ele gritou do quintal.

Enquanto o Pai escutava as notícias, Junior nos ensinava a mexer os pés de acordo com a batida. Nós movíamos alternadamente o pé direito e depois o esquerdo, para a frente e para trás, e fazíamos o mesmo com os braços, sacudindo o tronco e a cabeça. “Esse passo se chama ‘homem correndo’”, disse Junior. Depois, praticamos os raps que tínhamos decorado. Antes de nos separarmos para seguir com as tarefas noturnas de pegar água e limpar lanternas, dizíamos “Na paz, filho” ou “Fui!”, frases que havíamos pescado das letras de rap. Do lado de fora, começava a sinfonia de pássaros e grilos.

Numa manhã em que fomos a Matru Jong, enchemos nossas mochilas com cadernos cheios de letras de músicas que estávamos aprendendo e nossos bolsos com fitas cassete de álbuns de rap. Naquele tempo usávamos jeans largos e, debaixo deles, shorts de jogador de futebol e calças de moletom, para dançar. Debaixo das blusas de manga comprida, vestíamos camisetas regata e malhas de jérsei. Usávamos três pares de meia, que dobrávamos até embaixo para fazer nossos tênis parecerem mais estufados. Quando ficou quente demais durante o dia, tiramos algumas das roupas e colocamos sobre os ombros. O visual tinha estilo, e não fazíamos a menor ideia de que esse jeito estranho de vestir nos favoreceria. Como pretendíamos voltar no dia seguinte, não nos despedimos de ninguém nem contamos aonde iríamos. Não sabíamos que estávamos saindo de casa para não voltar mais.

Para economizar dinheiro, decidimos andar os quase vinte e seis quilômetros até Matru Jong. Era um dia lindo de verão, o sol não estava muito quente, nem a caminhada pareceu longa, porque íamos falando sobre todo tipo de coisas, caçoando e correndo atrás uns dos outros. Levávamos uns estilingues, que usávamos para apedrejar pássaros e perseguir macacos que tentavam atravessar a principal rua de terra. Paramos em vários

rios para nadar. Num dos rios, que era cruzado por uma ponte, ouvimos um carro passar à distância e decidimos sair da água para ver se era possível pegar uma carona. Eu saí antes de Junior e Talloi, e corri pela ponte com as roupas deles. Eles pensaram que poderiam me alcançar antes de o veículo chegar à ponte, mas, ao perceberem que seria impossível, começaram a correr de volta para o rio, e, justo quando estavam bem no meio da ponte, o veículo os alcançou. As garotas que estavam sentadas na traseira riram e o motorista deu uma buzinação. Foi engraçado, e eles passaram o resto da viagem tentando me dar o troco por aquilo, sem sucesso.

Chegamos a Kabati, a aldeia de minha avó, por volta das duas da tarde. Todo mundo conhecia minha avó como Mamié Kpana. Ela era alta e seu rosto comprido combinava com suas belas maçãs do rosto e seus grandes olhos castanhos. Ela sempre parava com as mãos nos quadris ou na cabeça. Olhando para ela, dava para ver de quem minha mãe tinha herdado a pele escura bonita, os dentes branquíssimos e as dobrinhas translúcidas no pescoço. Meu avô, ou *kamor* — professor, como todos o chamavam —, era bem conhecido como estudioso da língua e da cultura árabes no local e como curandeiro na aldeia e fora dela.

Em Kabati, nós comemos, descansamos um pouco e começamos os últimos dez quilômetros de caminhada. Minha avó queria que passássemos a noite lá, mas dissemos que voltaríamos no dia seguinte.

“Como é que aquele seu pai anda tratando vocês ultimamente?”, ela perguntou, em uma voz doce carregada de preocupação. “Por que vocês estão indo a Mattru Jong, se não é para estudar? E por que estão tão magrinhos?”, ela seguiu com o interrogatório, mas escapamos das perguntas. Ela nos acompanhou até o fim da aldeia e observava enquanto descíamos o morro, trocando a bengala para a mão esquerda para que pudesse acenar com a direita para nós, sinal de boa sorte.

Chegamos a Matru Jong algumas horas depois e encontramos nossos amigos Gibrilla, Kaloko e Khalilou. Naquela noite fomos para a Bo Road, onde barracas vendiam comida na rua até tarde da noite. Compramos amendoim cozido e comemos enquanto discutíamos o que fazer no dia seguinte, planejando ver o lugar do show de talentos e praticar. Ficamos no quarto com varanda da casa de Khalilou. O quarto era pequeno e tinha uma cama minúscula, então nós quatro (Gibrilla e Kaloko tinham voltado para suas casas) dormimos na mesma cama, atravessados, com os pés pendurados para fora do colchão. Como era menor e mais baixinho que os outros garotos, consegui ajeitar melhor meus pés.

No dia seguinte, Junior, Talloi e eu ficamos na casa de Khalilou e esperamos nossos amigos voltarem da escola por volta das duas da tarde. Mas eles chegaram mais cedo. Eu estava limpando meu tênis e contando as flexões que Junior e Talloi estavam fazendo, competindo para ver quem conseguia fazer mais. Gibrilla e Kaloko entraram na varanda e se juntaram à competição. Talloi, com a respiração pesada e falando devagar, perguntou por que tinham voltado antes do tempo. Gibrilla explicou que os professores disseram que os rebeldes haviam atacado Mogbwemo, nossa terra natal, e as aulas tinham sido suspensas até segunda ordem. Paramos o que estávamos fazendo.

De acordo com os professores, os rebeldes haviam atacado as áreas de mineração durante a tarde. O tiroteio repentino fez com que as pessoas corressem em todas as direções para salvar suas vidas. Pais correram de seus locais de trabalho para dar de cara com casas vazias e nenhuma indicação de onde podiam estar suas famílias. Mães choravam enquanto corriam na direção de escolas e de rios e torneiras onde costumávamos buscar água, procurando seus filhos. Crianças corriam de volta para casa para procurar seus pais, que as procuravam pelas ruas. Quando o tiroteio se tornou mais intenso, as pessoas desistiram de procurar seus parentes e fugiram da cidade.

“Esta cidade vai ser a próxima, segundo os professores”, disse Gibrilla, levantando-se do chão de cimento. Junior, Talloi

e eu pegamos nossas mochilas e seguimos para o cais com nossos amigos. Lá havia pessoas chegando de diversas partes da zona de mineração. Algumas a gente conhecia, mas não sabiam do paradeiro das nossas famílias. Elas disseram que o ataque fora repentino demais, muito caótico; que todos haviam fugido em direções diferentes numa confusão total.

Por mais de três horas ficamos no cais, esperando ver nossas famílias ou falar com alguém que as tivesse visto. Mas não havia nenhuma notícia deles, e depois de um tempo os que chegavam pelo rio não eram mais conhecidos nossos. O dia parecia estranhamente normal. O sol navegou na maior calma entre as nuvens brancas, os pássaros cantaram nas copas das árvores, as árvores dançaram ao vento sossegado. Ainda não conseguia acreditar que uma guerra havia atingido nossa casa. É impossível, pensei. Quando saímos de casa no dia anterior, não havia o menor sinal de que os rebeldes estivessem por perto.

“O que vocês vão fazer?”, Gibrilla nos perguntou. Ficamos calados por um tempo, e então Talloi quebrou o silêncio: “Nós vamos voltar e ver se conseguimos encontrar nossas famílias antes que seja tarde demais”.

Junior e eu fizemos que sim com a cabeça.

Três dias antes eu tinha visto meu pai voltar do trabalho caminhando devagar. Seu capacete debaixo do braço e o rosto comprido suando sob o sol da tarde. Eu estava sentado na varanda. Fazia algum tempo que não o via, já que outra madrasta havia arruinado nosso relacionamento mais uma vez. Mas naquele dia meu pai sorriu para mim enquanto subia os degraus. Examinou meu rosto, e sua boca estava prestes a dizer alguma coisa quando minha madrasta apareceu. Ele olhou para o outro lado e, em seguida, olhou para minha madrasta, que fingia não me ver. Eles entraram calmamente na sala. Eu segurei minhas lágrimas e saí da varanda para me encontrar com Junior no cruzamento onde esperávamos pela condução. Estávamos a caminho da casa da minha mãe, na cidade vizinha, a mais ou

menos cinco quilômetros dali. Quando o Pai ainda pagava o colégio, íamos visitá-la nos fins de semana de feriados longos, e depois voltávamos para casa. Agora que ele se recusava a pagar, nós a visitávamos a cada dois ou três dias. Naquela tarde encontramos a Mãe no mercado e andamos juntos enquanto ela comprava ingredientes para cozinhar para nós. Seu rosto estava apagado no começo, mas se acendeu assim que nos abraçou. Ela nos contou que nosso irmãozinho, Ibrahim, estava na escola, e nós passaríamos para buscá-lo no caminho de volta do mercado. Segurou nossas mãos enquanto caminhávamos e de vez em quando olhava em volta, como se quisesse ter certeza de que ainda estávamos mesmo com ela.

No caminho para a escola do nosso irmão, a Mãe se virou para nós e disse: “Sinto muito não ter dinheiro suficiente para pôr vocês de novo na escola agora. Mas estou dando um jeito nisso”. Ela fez uma pausa e então perguntou: “Como anda o pai de vocês esses dias?”.

“Parece que está bem. Eu o vi esta tarde”, respondi. Junior não falou nada.

A Mãe olhou para ele direto nos olhos e disse: “Seu pai é um bom homem e ele ama muito vocês. A questão é que tem atraído as madrastas erradas para vocês”.

Quando chegamos à escola, nosso irmãozinho estava no pátio jogando futebol com os amigos. Ele tinha oito anos e jogava muito bem para a idade. Assim que nos viu, ele veio correndo, atirando-se em cima de nós. Ele se mediu encostado em mim, para ver se tinha crescido mais que eu. A Mãe riu. O rostinho do meu irmão menor brilhava, e havia suor nas dobras em volta do pescoço, como as da minha mãe. Nós quatro andamos até a casa da Mãe. Levei meu irmãozinho pela mão, e ele me contou sobre a escola e me desafiou para um jogo de futebol mais tarde. Minha mãe estava solteira e dedicava-se a cuidar de Ibrahim. Ela disse que ele às vezes perguntava pelo nosso pai. Quando Junior e eu estávamos na escola, ela levava Ibrahim para vê-lo algumas vezes, os dois sempre ficavam muito felizes quando se encontravam. Minha

mãe parecia perdida nessas lembranças, sorrindo ao reviver aqueles momentos.

Dois dias depois dessa visita, nós saímos de casa. Enquanto esperávamos no cais em Mattru Jong, eu podia ver meu pai segurando seu capacete e voltando para casa às pressas, e minha mãe chorando e correndo para a escola do meu irmãozinho. Senti como se tudo estivesse desmoronando.

Junior, Talloi e eu pulamos numa canoa e acenamos cheios de tristeza para nossos amigos enquanto a embarcação se afastava das margens de Mattru Jong. Quando alcançamos o outro lado do rio, mais e mais pessoas chegavam apressadas. Começamos a andar, e uma mulher que carregava suas sandálias de dedo na cabeça falou sem olhar para nós: “Muito sangue foi derramado aonde vocês vão. Até mesmo os bons espíritos abandonaram aquele lugar”. Ela passou por nós. Nos arbustos ao longo do rio, vozes cansadas de mulheres imploravam, “*Nguwor gbor mu ma oo*”, Deus nos ajude, e gritavam os nomes de seus filhos: “Yusufu, Jabu, Foday...”. Vimos crianças andando sozinhas, sem camisa, em suas roupas de baixo, seguindo a multidão. “*Nya nje oo, nya keke oo*”, minha mãe, meu pai, as crianças gritavam. Havia também cães correndo, no meio das pessoas que ainda corriam, embora já estivessem longe do perigo. Os cães farejavam o ar, procurando seus donos. Meu coração ficou apertado.

Havíamos caminhado quase dez quilômetros e estávamos agora em Kabati, a vila da Avó. Estava abandonada. Tudo que sobrara eram pegadas na areia levando à densa floresta que se espalhava além da aldeia.

Enquanto a noite se aproximava, as pessoas começaram a chegar da zona de mineração. Seus sussurros, os gritos das crianças pequenas procurando seus pais perdidos, cansadas de caminhar, e o choro de bebês famintos substituíram o canto de

grilos e pássaros. Sentamos na varanda da Avó, esperando e ouvindo.

“Vocês acham que é uma boa ideia voltar para Mogbwemo?”, Junior perguntou.

Mas, antes que um de nós tivesse chance de responder, um Volkswagen roncou à distância, e os que andavam pela estrada correram para o meio dos arbustos. Nós também corremos, mas não chegamos muito longe. Meu coração pulava e eu respirava forte. O veículo havia parado na frente da casa de minha avó e, de onde estávamos abaixados, pudemos ver que a pessoa dentro do carro não estava armada. Quando nós e os outros emergimos dos arbustos, vimos um homem correr do assento do motorista para a calçada, onde vomitou sangue. Quando parou de vomitar, ele começou a chorar. Foi a primeira vez que vi um homem-feito chorar como criança, e senti uma pontada no meu peito. Uma mulher pôs os braços em volta do homem e implorou que se levantasse. Ele ficou de pé e caminhou até o furgão. Quando ele abriu a porta, uma mulher que se apoiava nela pelo lado de dentro caiu no chão. Seus ouvidos sangravam. As pessoas cobriram os olhos de seus filhos.

No banco de trás havia outros três corpos, duas meninas e um menino, e seu sangue estava espalhado pelos assentos e pelo teto do furgão. Eu queria fugir do que estava vendo, mas não consegui. Meus pés ficaram dormentes e meu corpo inteiro congelou. Depois soubemos que o homem havia tentado escapar com a família e os rebeldes atiraram contra o carro, matando todos, menos ele. A única coisa capaz de consolá-lo, ao menos por alguns segundos, foi o que disse a mulher que o abraçara e agora chorava com ele, que ao menos ele teria chance de enterrá-los. Ele sempre saberia onde estavam descansando, ela disse. Ela parecia saber mais sobre a guerra do que nós.

O vento havia cessado e a luz do dia se rendia à noite. No crepúsculo, mais gente passava pela aldeia. Um homem carregava o filho morto. Ele pensava que o menino ainda vivia. Estava coberto com o sangue do filho, e continuava a dizer enquanto corria: “Vou levar você para o hospital, meu menino, e tudo vai

ficar bem”. Talvez fosse preciso que ele se prendesse a falsas esperanças, já que o mantinham fugindo do perigo. Um grupo de homens e mulheres que havia sido atingido por balas perdidas veio correndo logo em seguida. A pele solta, pendendo dos corpos, ainda tinha sangue fresco. Alguns só notaram que estavam machucados quando pararam de correr e as pessoas apontaram para seus ferimentos. Outros vomitaram e desmaiaram. Eu senti náusea, e minha cabeça girava. Tive a sensação de que o chão se movia, e as vozes pareciam distantes de onde eu estava, tremendo.

A última tragédia que vimos naquela noite foi uma mulher que carregava um bebê nas costas. Corria sangue pelo seu vestido, deixando um rastro atrás dela. Sua criança havia sido morta por tiros enquanto ela fugia. Para sua sorte, a bala não tinha atravessado o corpo do bebê. Quando parou onde nós estávamos, ela sentou e pegou a criança. Era uma menina, e seus olhos ainda se encontravam abertos, com um sorriso inocente no rosto. As balas podiam ser vistas saindo um pouco do corpo da criança, que começava a inchar e endurecer. A mãe agarrou a criança e a ninou. Ela estava sofrendo demais, e em tal estado de choque que não conseguia derramar uma lágrima.

Junior, Talloi e eu nos olhamos e soubemos que deveríamos retornar a Mattru Jong, porque percebemos que não podíamos mais chamar Mogbwemo de casa e que não havia a menor chance de nossos pais ainda estarem lá. Alguns dos feridos insistiam em dizer que Kabati era a próxima na lista dos rebeldes. Não queríamos estar lá quando os rebeldes chegassem. Mesmo os que não conseguiam andar direito procuravam dar o melhor de si para continuar se distanciando de Kabati. A cena da mulher e seu bebê continuava a me perturbar enquanto caminhávamos de volta a Mattru Jong. Eu mal percebi o trajeto, e quando bebi água não senti nenhum alívio, embora estivesse com sede. Eu não queria voltar ao lugar de onde aquela mulher viera; os olhos do bebê mostravam claramente que tudo estava perdido.

“Faltavam dezenove anos para você nascer”, é o que meu pai costumava dizer quando eu perguntava como era a vida em Serra Leoa depois da independência, em 1961.

Serra Leoa havia sido colônia britânica desde 1808. Sir Milton Margai se tornou o primeiro-ministro e governou o país sob a bandeira do Partido Popular de Serra Leoa (Sierra Leone Peoples Party — SLPP) até sua morte, em 1964. Seu meio-irmão, Sir Albert Margai, o sucedeu até 1967, quando Siaka Stevens, líder do partido conhecido como Congresso de Todo o Povo (All People’s Congress — APC), venceu a eleição, que foi sucedida por um golpe militar. Siaka Stevens retornou ao poder em 1968, e anos depois declarou que o país seria um Estado unipartidário, sendo o seu Congresso de Todo o Povo o único partido legal. Foi o começo da “política podre”, como meu pai costumava chamar aquilo. Fiquei imaginando o que meu pai diria sobre a guerra da qual eu fugia agora. Ouvi alguns adultos dizerem que aquela era uma guerra revolucionária, a liberdade para o povo preso a um governo corrupto. Mas que tipo de guerra atira em civis inocentes, em crianças, naquela garotinha? Não havia ninguém para responder essas perguntas, e minha cabeça pesava com as imagens que eu levava comigo. Enquanto andávamos, fiquei com medo da estrada, das montanhas à distância, dos arbustos em cada um de seus lados.

Chegamos a Matru Jong naquela noite. Junior e Tallo explicaram aos nossos amigos o que tínhamos visto, enquanto eu permaneci calado, ainda tentando entender se o que tinha visto era real. Naquela noite, quando afinal o sono conseguiu me arrastar, sonhei que levava um tiro e que as pessoas passavam por mim correndo sem me ajudar, como se estivessem todos fugindo para salvar as próprias vidas. Tentei rastejar para me proteger nos arbustos, mas de repente havia alguém em cima de mim com uma arma. Não conseguia ver seu rosto por causa do sol. A pessoa apontou a arma para o meu ferimento de bala e puxou o gatilho. Acordei e toquei meu corpo, hesitante. Fui tomado pelo medo, já que não conseguia mais distinguir entre sonho e realidade.

Toda manhã em Mattru Jong nós descíamos até o cais em busca de notícias de casa. Mas depois de uma semana a maré de refugiados daquela área diminuiu e as notícias secaram. Tropas do governo estavam organizadas em Mattru Jong, e haviam estabelecido postos de controle no cais e em outros pontos estratégicos por toda a cidade. Os soldados estavam convencidos de que, se os rebeldes atacassem, eles viriam através do rio, então montaram artilharia pesada lá e decretaram toque de recolher às sete horas da noite, o que fazia nossas noites mais tensas, porque tínhamos que estar em casa cedo e não conseguíamos dormir.

Durante o dia, Gibrilla e Kaloko vinham nos ver. Nós seis sentávamos na varanda e discutíamos o que estava acontecendo.

“Não acho que essa loucura vá durar muito tempo”, Junior dizia, tranquilo. Ele me olhava como se quisesse garantir que logo estaríamos em casa outra vez.

“Vai durar provavelmente um mês ou dois.” Talloi olhava para o chão.

“Ouvi dizer que os soldados já estão a caminho para retirar os rebeldes das zonas de mineração”, Gibrilla balbuciava. Concordávamos que a guerra era uma fase transitória e não levaria mais que três meses.

Junior, Talloi e eu ouvíamos rap, tentando decorar as letras para não pensar na situação. Naughty by Nature, LL Cool J, Run-D.M.C. e Heavy D & The Boyz; havíamos saído de casa levando só essas fitas e as roupas do corpo. Lembro-me de sentar na varanda ouvindo “Now That We Found Love”, de Heavy D & The Boyz, e observando as árvores nos limites da cidade, que se moviam relutantes ao sabor do vento fraco. As palmeiras adiante estavam paradas, como se aguardassem alguma coisa. Fechei meus olhos e imagens de Kabati passaram pela minha cabeça. Tentei afastá-las evocando memórias mais antigas da Kabati de antes da guerra.

Havia uma floresta espessa num dos lados da aldeia onde minha avó morava e fazendas de café no outro. Um rio corria da floresta até os limites da cidade, passando pela área onde se concentravam as palmeiras e chegando a um pântano. Acima do pântano, plantações de banana se espalhavam pelo horizonte. A principal estrada de terra que cortava Kabati era sulcada de buracos e atoleiros onde os patos gostavam de tomar banho durante o dia, e nos quintais das casas os pássaros descansavam em mangueiras.

De manhã, o sol subia por trás da floresta. Primeiro, seus raios surgiam por entre folhas de árvores e, aos poucos, com o canto dos galos e pardais que vigorosamente anunciavam a luz do dia, o sol dourado se acomodava acima da floresta. Ao anoitecer, macacos podiam ser vistos pulando de árvore em árvore, retornando aos locais onde dormiam. Nas fazendas de café, galinhas estavam sempre ocupadas escondendo suas crias de falcões. Atrás das fazendas, palmeiras sacudiam sua folhagem ao vento. Às vezes, no fim da tarde, se avistava alguém escalando uma palmeira para colher sua seiva, que seria depois transformada em licor.

O entardecer terminava com o som de galhos se quebrando na floresta e de arroz sendo triturado por pilões. O eco ressoava na aldeia, fazendo com que os pássaros voassem para lá e para cá chilreando. Grilos, rãs, sapos e corujas faziam coro, todos chamando pela noite enquanto deixavam seus esconderijos. As cozinhas das casas de sapê soltavam fumaça, e as pessoas chegavam das fazendas carregando lampiões e às vezes tocos de madeira acesa.

“Devemos nos esforçar para ser como a lua.” Um ancião em Kabati sempre repetia essa frase aos que passavam por sua casa para buscar água, caçar ou colher seiva nas palmeiras, e também aos que caminhavam de volta para suas fazendas. Eu me lembro de ter perguntado a minha avó o que o ancião queria dizer com aquilo. Ela explicou que o ditado servia para lembrar que todos deviam se comportar sempre da melhor maneira possível e serem bons uns com os outros. Ela disse que as pessoas sempre

reclamam quando o sol as castiga demais e está intoleravelmente quente, e também quando chove demais ou está frio. Mas, ela falou, ninguém se queixa quando a lua brilha. Todos ficam felizes e apreciam a lua, cada um a seu modo. As crianças brincam com suas sombras sob a luz da lua, as pessoas se juntam para contar histórias e dançar noite adentro. Muitas coisas boas acontecem quando a lua brilha. Essas são algumas das razões pelas quais devemos desejar ser como a lua.

“Você está com cara de fome. Vou te preparar uma mandioca”, disse ela, terminando a conversa.

Depois que minha avó me contou por que devíamos nos esforçar para ser como a lua, passei a observá-la. Toda noite em que a lua aparecia no céu, eu me deitava no chão e ficava quieto, olhando para ela. Queria descobrir por que era tão fascinante e adorada. Fiquei encantado com os diferentes desenhos que distinguia dentro da lua. Certas noites eu conseguia ver a cabeça de um homem. Ele tinha uma barba de tamanho mediano e usava chapéu de marinheiro. Noutras ocasiões eu via um homem com um machado cortando madeira, e às vezes uma mulher ninando um bebê no peito. Sempre que tenho uma chance de observar a lua agora, ainda vejo as mesmas imagens que enxergava quando tinha seis anos, e me agrada saber que aquela parte da minha infância ainda está guardada em mim.